

15.05.24 - 20.07.24

TERRITÓRIO EM TRANSE

CURADORIA ANA CAROLINA RALSTON

GALERIA
MARILIA
RAZUK

“Precisamos deste solo em que todos se vejam e se reconheçam como seres criativos, que agem no mundo” Joseph Beuys

Mapas e cartografias, sejam eles terrestres ou celestiais, orientam há milhares de anos a humanidade na compreensão do mundo. Eles podem atuar de forma cartesiana, em divisões territoriais atreladas muitas vezes ao poder, ou metafóricas, no campo do conhecimento e das emoções, extrapolando para âmbitos históricos, culturais, antropológicos e, dessa forma, mais subjetivos. Seja de uma forma ou outra, tais mapas acabam por orientar nossa percepção sobre o planeta ao mesmo tempo que conturbam até hoje as noções que temos de pertencimento e territorialidade. Ocupar, invadir, penetrar, adentrar, aprofundar. Tais palavras aparecem como sinônimos, mas também podem ser consideradas antônimos dependendo apenas da forma como tratamos o espaço que habitamos – nós ou outros seres. É sobre essa ampla e tão latente discussão que se trata Território em Transe, exposição coletiva abrigada pela Galeria Marília Razuk.

O estudo de cartas geográficas é um dos pilares debatidos por Anna Bella Geiger desde o fim dos anos 60, que trafegava pelo assunto com conhecimento também devido à profissão do marido, o geógrafo brasileiro Pedro Geiger, que propôs naquele período uma nova divisão regional do Brasil, levando em conta não apenas os aspectos naturais, mas também os humanos. Um dos desenhos da mineira, parte da série América Latina feito na década seguinte, compõem a exposição e exemplifica o humor ácido e eloquente em que tratava o tema. Na intensão de subverter a cartografia da região sul global, ela deforma ligeiramente suas linhas transformando-as em uma muleta, um amuleto e na forma de uma figura humana, mais precisamente uma mulher. Tal movimento

territorial proposto por Geiger conecta-se estética e temporalmente a uma das obras-primas do cineasta Glauber Rocha (1939-1981), Terra em Transe, na qual o diretor e roteirista enfatiza o drama sócio-político vivido na América Latina em uma atmosfera de transe e de constante movimento.

O título do longa-metragem também nomeia uma das obras de Desali, artista mineiro que transita por múltiplas linguagens, mas que apresenta a pintura como sua principal forma de expressão. Nela é retratada a figura de um militante da época da ditadura, abordando as movimentações dos territórios políticos que o Brasil e a região enfrentaram e seguem a encarar e questionar até hoje. Reconhecido por explorar a dicotomia entre a vida urbana da periferia e os preceitos do mercado das artes, o artista exhibe também nesta exposição composições de pequenos cavaletes feitos com madeira reaproveitada com os quais conecta suas pinturas a fotografias de época. Sua produção tornou-se conhecida pela subversão das hierarquias artísticas e sociais e pela utilização de descartes da cidade, uma das formas mais controversas da memória humana na Terra.

Os fluxos migratórios e as violentas relações de poder da sociedade também permeiam a obra do paulistano Jaime Lauriano. Sua produção, que transita entre peças audiovisuais, objetos escultóricos, textos críticos, pinturas e desenhos, busca realizar uma revisão e reelaboração coletiva histórica essencial para que possamos seguir em frente reconstruindo a trajetória humana. Entre as obras que compõem a mostra, Lauriano apresenta uma produção inédita em técnica mista, parte da série Meu sangue latino, minh'alma cativa, na qual discute e revisita tais ocupações territoriais.

Os processos coloniais e a tensão entre cultura indígena e ocidental são tratados com destreza pelo artista Xadalu Tupã Jekupé. Nascido no pampa gaúcho, tem sua origem ligada aos indígenas que habitavam as margens do Rio Ibirapuitã. Usa elementos da serigrafia, pintura, fotografia e objetos para abordar o resgate e reconhecimento da própria ancestralidade e para tratar da devastação e catequização de seu povo, seja de forma figurativa ou por meio de seus reconhecíveis grafismos, como podemos ver na obra de grandes dimensões Terra à vista, que fez parte da Bienal das Amazonas.

A disputa por terras em detrimento dos povos originários é um dos pontos tratados na série Obandos, da colombiana Johanna Calle. Reconhecida internacionalmente por seu profundo trabalho baseado na investigação da escrita, a artista discute nessa sequência a Lei de Terras, promulgada no país em 2011, texto legal que reconhece oficialmente pela primeira vez a existência de conflito armado na Colômbia na disputa por terras entre ocidentais e povos indígenas. As letras da lei aparecem nas obras desordenadas, recortadas, repetidas em linhas opostas junto a fotografias da Colômbia da virada do século XX.

A revisitação histórica e seu questionamento também permeiam o trabalho pulsante e colorido de Marcela Cantuária. A artista carioca propõe uma reinvenção constante das narrativas documentadas e dos enfrentamentos da sociedade estruturada no machismo e na misoginia. Tal luta abarca sua produção de forma contundente, como notamos em Juanas, na qual a artista rememora a história de Juana Ramirez y Juana Raymundo, militantes assassinadas e que faziam parte do CODECA (Comitê de Desenvolvimento Campesino) e do MLP (Movimento de Libertação para os Povos), respectivamente.

As cores vibrantes também tem percorrido a série Coroas do paulista Taygoara Schiavinoto. Com sua pesquisa baseada nos instrumentos simbólicos do candomblé a partir de conceitos da cultura lorubás, bem como da cultura popular brasileira, Taygoara discute o encontro em territórios espirituais que a América Latina compartilha. Ressalta também em suas esculturas feitas em madeira ebanizada tais simbologias afro-brasileiras, rememorando ícones e figuras da nossa história imaterial.

Buscamos por meio dessa exposição coletiva reforçar o transe de territórios entre céu e terra e quem sabe encontrar nesse espaço um local de reflexão sobre um ideal conjunto que reformule as tão questionáveis formas de cartografar o mundo.

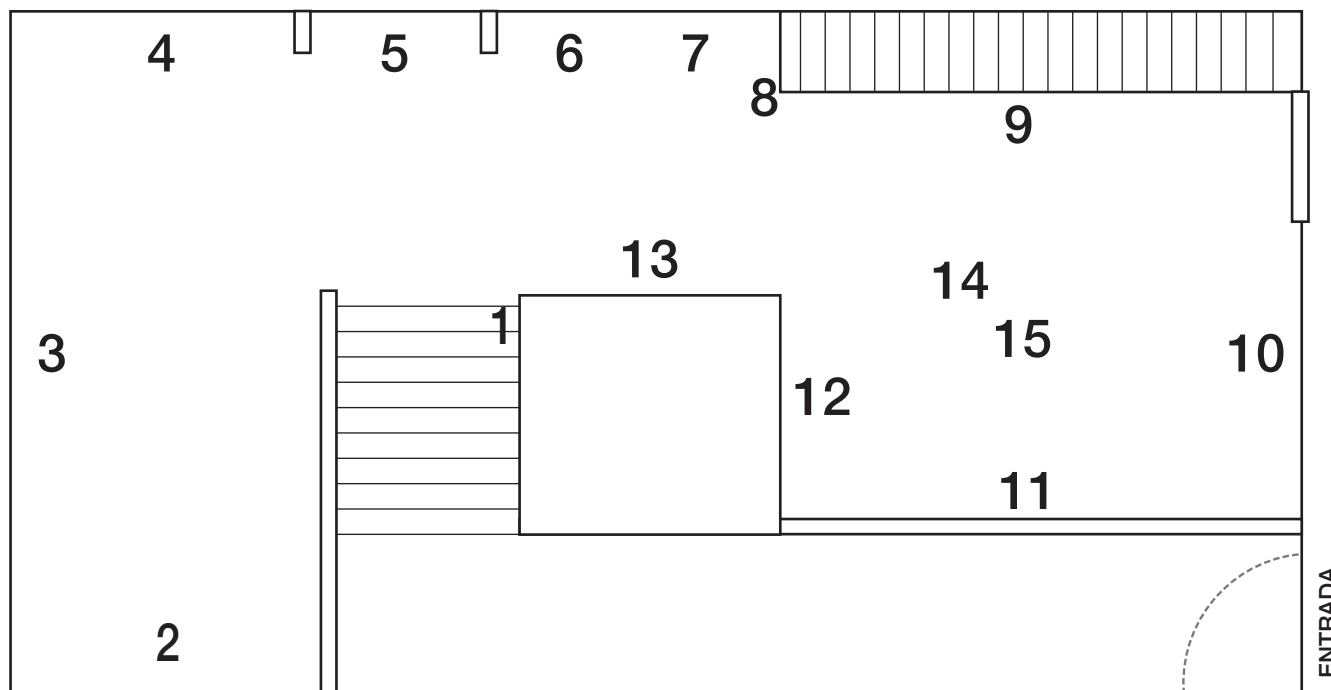
Ana Carolina Ralston
curadora

15.05.24 - 20.07.24

GALERIA
MARILIA
RAZUK

TERRITÓRIO EM TRANSE

CURADORIA ANA CAROLINA RALSTON



1. MARCELA CANTUÁRIA

2. XADALU TUPÃ JEKUPÉ

3. DESALI

4. ANNA BELLA GUEIGUER

5. TAYGOARA

6. JAIME LAURIANO

7. TAYGOARA

8. MARCELA CANTUÁRIA

9. JAIME LAURIANO

10. DESALI

11. MARCELA CANTUÁRIA

12. JOHANNA CALLE

13. TAYGOARA

14. JAIME LAURIANO

15. JAIME LAURIANO